

APRESENTAÇÃO

HISTÓRIAS DE VIOLÊNCIAS

DOI: 10.5935/2177-6644.20180011

Marcos Luiz Bretas da Fonseca
Hélio Sochodolak
Vânia Vaz
Organizadores do Dossiê

Este dossiê resulta principalmente da participação do Núcleo de Pesquisas em História da Violência (NUHVI/UNICENTRO/Irati) em eventos regionais, nacionais e internacionais, desde sua criação em 2016. Quais sejam: Simpósio Regional de História/ANPUH/PR, UFPR/Curitiba/PR, 2016; Simpósio Nacional de História/ANPUH, UnB - Brasília (DF), 2017; Congresso Internacional de História da UEM, Maringá/PR, 2017; Congresso Internacional de História da UNICENTRO, Irati/PR; Congresso Internacional de História Rural USC, Santiago de Compostela, Espanha, 2018 e Simpósio Regional de História/ANPUH/PR – UEPG/Ponta Grossa/PR 2018.

O Núcleo de Pesquisas em História da Violência (NUHVI) da UNICENTRO em Irati/PR desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão em História da Violência. Buscando a interdisciplinaridade, o Núcleo contempla as áreas de história, sociologia, filosofia e psicologia, e está aberto a todos os pesquisadores e estudantes interessados na temática. O NUHVI promove oficinas de leituras e debates de textos regularmente e, pelo menos, um evento anual na forma de Jornada, prevendo uma publicação coletiva anual (coletânea, dossiê), como forma de divulgar suas pesquisas, a exemplo desta publicação.

Crimes, vítimas, testemunhas, criminosos, médicos, instituições, aparatos judiciários, policiais e prisionais como formas de lidar com o crime. Direito, códigos criminais, burocracia judiciária e seus agentes, a repressão, as representações sociais do crime e dos criminosos na imprensa e na literatura. A opinião pública, a memória e diferentes sensibilidades quanto aos crimes e os criminosos. Tudo isso conforma uma complexa teia de fatos, leituras e interpretações, visando construir narrativas e sentidos de eventos muitas vezes marcados pela ausência de testemunhas, mas não de vítimas, e muito menos de um público interessado. Se aos delitos deveriam corresponder as respectivas penas, nem sempre isso acontece. O sistema, no entanto, continua intacto e se reproduz.

Para analisar as experiências humanas envolvendo a violência, nos pautamos por trabalhos de historiadores, cientistas sociais, antropólogos e filósofos, nas perspectivas abertas por autores como Michel Foucault, E. P. Thompson, Norbert Elias, Erving Goffman e outros que expandiram a temática do crime e da justiça criminal, com um de seus artefatos mais típicos – os processos criminais – para múltiplas pesquisas e indagações. Nossa proposta é balizar a violência de um ponto de vista sócio histórico, alcançada fundamentalmente, mas não exclusivamente, a partir dos processos criminais, visando debater metodologias de pesquisa e resultados obtidos. Entendemos que, regra geral, os estudos sobre a violência e sua história concluem que a violência física é eminentemente praticada por homens, muitas vezes (des)estimulados pela sociedade, religião ou Estado. Muchembled, dialogando com Foucault e Elias, defende que a civilização e a disciplinarização da sociedade europeia contribuiu para um declínio paulatino dos crimes de sangue. Da mesma forma, as punições dos crimes deixaram de ser públicas para se tornarem privadas, reclusas no interior das instituições e simbólicas por meio dos sistemas judiciário e carcerário, na medida em que o Estado reivindicava para si a legitimidade do exercício da violência. Em complemento, o autor defende que o declínio da brutalidade masculina, com uma gestão estatal e institucional da mesma, desenha uma curva descendente até o último terço do século XX quando, finda a maior parte das guerras internacionais, ela retoma sua ascensão. Diante dessas questões gerais, podemos nos perguntar: quais as particularidades das práticas de violência em diferentes espacialidades e contextos?

Em que medida as municipalidades e o judiciário das comarcas agiram no sentido de centralizar e racionalizar ações violentas? Que estratégias e táticas são praticadas para escapar do processo civilizador? São perguntas que as pesquisas, em diferentes áreas do conhecimento, nos instigam a fazer para compreensão da violência. Reconhecemos ainda que existem temas múltiplos a serem problematizados pelo uso sistemático de fontes ligadas à violência, ao crime, à polícia e à justiça criminal: honra, família, mobilidades sociais e espaciais; a polícia e o exercício direto de “uma certa justiça”, as instituições, os aparatos legais, as relações de poder, étnicas, de gênero e geracionais, questões econômicas, religiosas e étnicas, além do debate sobre fontes e métodos na história social da violência e do crime.

Os trabalhos aqui reunidos constituem esforços de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes estados e universidades brasileiras que participaram de simpósios temáticos propostos pelo NUHVI em eventos distintos.

O artigo de Michelle Airam da Costa Chaves: “Os Pilares das milícias do Rio de Janeiro 2006-2008: violência, impunidade e expansão de atividades”, analisa o desenvolvimento das milícias no Rio de Janeiro pelas narrativas do Jornal O Globo e do Relatório Final da CPI das Milícias enfatizando os fatores dessa expansão entre 2006 e 2008, especialmente no ano de 2006 quando o domínio das milícias se elevou de 42 para 72 comunidades.

Em “A produção e os limites da estatística policial no Estado de São Paulo na década de 1930”, Douglas Henrique de Souza utilizou como fonte principal a documentação do Serviço de Estatística Policial do Estado de São Paulo buscando avaliar as condições e os limites da produção dos dados estatísticos policiais para a cidade de Assis/SP. Dados esses que, por vezes, se revelaram contraditórios quando o número de processos criminais abertos na delegacia local foi comparado com a estatística oficial emitida pelo departamento de polícia da capital.

A violência política é tema do artigo de Ivania Valim Susin. Em “¡Matarona Gaitán! Aspectos visuais da violência do Bogotazo. Colômbia, 1948” - a autora se debruça sobre *El Bogotazo*, eventos que se seguiram ao assassinato de Jorge E. Gaitán, líder do Partido Liberal colombiano. Juan Roa Sierra, o matador, foi morto horas depois e teve seu corpo profanado pela turba. Após essas duas mortes violentas, ocorreram depredações a monumentos e prédios públicos. As fotografias

dessa destruição circularam na imprensa colombiana e internacional, tecendo diferentes narrativas sobre a violência.

A violência nos seringais amazônicos no início do século XX é analisada por Daniel Barros de Lima: “Cotidiano dos seringueiros na imprensa amazonense: violência e resistência nos seringais (1900-1920)”. Tendo a imprensa como fonte principal para suas análises, o autor apreende as vivências dos seringueiros em meio à floresta e sua resistência às relações de dominação, exploração e disciplinarização mediadas pela violência, inspirado em autores como E. P. Thompson e Michel Foucault.

Em “Delitos em nome da honra - processos criminais da Comarca de Mallet/PR, 1922-1938”, Soczek, Kosinski e Cezarinho investigaram homicídios e tentativas de normatização dos sexos esboçando possíveis relações de gênero, atribuídas pelo Poder Judiciário Malletense entre 1922 e 1938, período no qual se registrou um pico das ações criminosas no município. Foram analisados 19 processos criminais envolvendo a “honra”. As informações contidas nesses processos foram cotejadas com as Atas da Câmara Municipal de Mallet, recortes de jornais e o Código Penal de 1890. A análise dos documentos revelou que a honra era um valor elementar nessa categoria de crime e que era valorizado naquela sociedade.

“Reflexões sobre as representações pugilísticas e a violência”, de Paulo Sérgio Micali Jr. estuda a coleção de fotografias de boxe da Federação Paranaense de Pugilismo (FPP) de 1960 a 2000. As representações pugilísticas e a violência foram problematizadas sob a ótica do processo civilizatório de Norbert Elias.

Em seu artigo “Entre avanços e retrocessos: a atuação policial no atendimento a violência doméstica no Paraná”, Alexandra Lourenço constatou que a percepção da violência doméstica motivada pela estrutura das relações de gênero não é facilmente compreendida pelos funcionários que atendem as vítimas. Para tanto, a autora analisou as representações dos profissionais da Polícia Civil e Militar que prestam atendimento aos chamados e queixas de violência doméstica contra a mulher em dez municípios do sudeste paranaense, entre os anos de 2014 e 2017.

Tania Maria Gomes da Silva, Andréa Grano Marques, Cláudia Priori, Georgiane Garabely Heil no artigo: “Pode-se ter saúde e qualidade de vida em situação de violência e desrespeito aos direitos humanos? Uma reflexão à luz dos

estudos feministas e de gênero”, refletiram sobre uma das formas de violência contra a mulher: o assédio verbal. Com base nos estudos de gênero e na teoria feminista, as autoras associam o assédio como violência psicológica, algo que afeta a saúde da mulher e a faz adoecer, tendo ainda seus direitos individuais violados. O trabalho utilizou a metodologia da história oral analisando um caso específico de vítima de assédio verbal, mediado pelo conceito de representação social.

Em seu trabalho “A educação para a não-violência e os direitos das pessoas com surdocegueira”, Lia C. Yokoyama pensa a prática educacional como ferramenta de combate à violência. As referências teóricas são Adorno e Arendt, em um diálogo com trechos da obra autobiográfica de Helen Keller. Esta nos mostra como as pessoas com surdocegueira evidenciam aspectos do combate à violência pouco notados.

Enfim, compreendemos e reconhecemos nesse dossiê que a violência, assim como o poder, produz realidades, subjetividades, enunciados e verdades. Violências de naturezas diversas são praticadas e sentidas em diferentes contextos sociais. A violência é abrangente e possui aspectos que podem ser simbólicos e/ou físicos, que elabora discursos e se traduz em práticas. Aparentemente, não há objeto histórico que não contemple em menor ou maior escala as faces da violência no Estado, nas instituições, na linguagem e nas relações sociais. As sensibilidades diante da violência são temporais. Se transformam historicamente possibilitando delinear diferentes pesquisas.

Não se chega finalmente a um tema, ou mesmo a sua compreensão. A diversidade de temas e abordagens ilustra como o historiador de defronta com uma polifonia em torno dos acontecimentos e seus sentidos. Isso não faz o nosso trabalho menos valioso, antes ao contrário. Precisamos valorizar a compreensão das diferenças e das formas como elas emergem no social. A violência, em sua multiplicidade, produz sentidos, em sua maioria negativos, mas nem sempre. Cada passo do esforço de inúmeros pesquisadores para dar conta dessa riqueza deve ser bem-vindo.

Desejamos uma boa leitura!